

2, 7). A «kénosis do Pai» é, por sua vez, uma expressão forjada por H. U. von Balthasar, na base daquela ideia paulina, para dizer o mistério do amor de Deus: amor mútuo do Pai e do Filho, amor eterno, amor que, entretanto, teve uma expressão temporal nos mistérios da Encarnação e da Redenção pela Cruz. A conjugação do amor eterno entre o Pai e o Filho e destes por nós com esta sua expressão temporal só é possível porque esta não belisca minimamente aquele amor eterno.

Dentro da típica ideia balthasariana da Glória, não há no facto contradição, pois que esta «kénosis», que é do Filho, faz, paradoxalmente, brilhar a sua glória no seu apagamento. Por outro lado, ela tem o seu fundamento na própria «kénosis do Pai», uma «kénosis» eterna em que o Pai gera o Filho, dando-lhe tudo o que Ele é.

Nathanaël Pujol – sacerdote nascido em Paris, ligado à Comunidade das Bem-aventuranças de que é atualmente o responsável nos Estados Unidos – desenvolve este tema, não isento de problemas, da teologia de von Balthasar, repartindo o seu estudo por três partes.

Na primeira parte, expõe sobre a origem da expressão «kénosis do Pai», analisando sucessivamente os contributos da filosofia (E. Przywara e K. Barth), da teologia (S. Boulgakov), da mística (Adrienne von Speyr), até desembocar na teologia balthasariana, com a sua soteriologia dramática. Na segunda parte, expõe sobre o conceito da «kénosis do Pai», realçando o carácter dramático-trinitário da cruz e bem assim alguns aspetos do mistério da Trindade, como a «posse de si», os «espaços de liberdade», a «adoração» e a «intercessão» em Deus, a desapropriação do Pai na sua ação geradora do Filho (que é, propriamente, a sua «kénosis»). A terceira parte analisa os limites do conceito de «kénosis do Pai», mediante uma tríplice crítica: a crítica

dogmática, a incidir sobre a subsistência da Pessoa divina; a crítica fundamental, com a conjugação das ideias de Trindade imamente e Trindade económica e a chamada da atenção para o uso analógico do termo «kénosis» na sua atribuição ao Pai na sua relação com o Filho; e, finalmente, uma crítica epistemológica, a obedecer à questão de fundo: abuso de vocabulário ou alcance soteriológico? e, ainda, com uma questão final: «kénosis do Pai»: uma expressão poética, dramática ou soteriológica?

A posição de N. Pujol pode resumir-se nestas palavras com que encerra a sua «Conclusão»: Bem entendido, conforme a análise do seu estudo, «o termo “kénosis” [...] não introduz então trevas em Deus, vazio ou nada, antes manifesta na pobre gramática dos homens – a única de que dispomos – o inefável mistério de um Amor sempre maior» (p. 186).

JORGE COUTINHO

ABDEL-NOUR, Fadi, **Vérité et Amour. Une lecture de « La Théologique » de Hans Urs von Balthasar**, coll. « Cogitatio fidei », Les Éditions du Cerf ([www.editionsducerf.fr](http://www.editionsducerf.fr)), Paris, 2013, 338 p., 210 x 135, ISBN 978-2-204-09774-1.

O autor deste livro, encarregado de curso na Universidade de Montréal e especialista em teologia fundamental, procura nele repensar a verdade intramundana e a verdade divina, bem como as suas mútuas relações, tendo em conta a lógica do amor e tendo por base uma leitura interpretativa de *A Teológica* de H. U. von Balthasar. Numa análise muito minuciosa – entre dois absolutismos a evitar: o absolutismo dogmático (objetivista) e o absolutismo relativista (subjetivista) – ele procura, afinal,

uma terceira via, a qual, pela mediação do diálogo e tendo em conta a circuninssão dos transcendentais (o Verdadeiro, o Bom e o Belo), seja dado o seu papel ao amor na procura da sabedoria, convidando, ao mesmo tempo, a teologia fundamental a acolher a verdade divina como empenhamento de amor do *Logos* divino.

Em ordem a isso, propõe-se seguir, em cada capítulo, o que ele chama o método da *polaridade-na-ternaridade*. Os cinco capítulos acabam assim estruturados entre si num conjunto de trípticos, em que o primeiro analisa a relação entre verdade e ser, o quinto, entre a verdade e o amor, e os três intermédios constituem eles mesmos um tríptico intercalado, cujos painéis versam, sucessivamente, a verdade e a *Gestalt*, a verdade e a liberdade e a verdade e a linguagem. Deste modo, procura, em cada capítulo e no todo do livro, analisar o movimento das duas verdades (intramundana e divina) extraindo daí os horizontes, as tensões e os desafios emergentes. Por polaridade entende Fadi Abdel-Nour a presença de dois pólos que todavia não são nem exclusivos nem contraditórios nem tendem dialeticamente para uma síntese; «cada um é a totalidade do Todo revelada singularmente» (p. 22). Cada pólo está *diante*, está *com* e está *para* o outro pólo. Por estar *diante*, cada um olha o outro e escuta-o atentamente; e quanto mais o acolhe, mais aumenta a possibilidade de se dar a si mesmo ao outro. Por estar *com*, cada pólo faz caminho com o outro numa aventura comum, com as suas tensões, dificuldades e distanciamentos, evitando assim a insularidade de cada um deles. Por estar *para*, sem perder a identidade própria, cada qual assume a sua própria insuficiência e a necessidade do outro para dizer a superabundância do mistério (p. 23).

Há, como quer que seja, na (bi)polaridade uma ternaridade. E não só, nem

principalmente, na medida em que em toda a polaridade estão implicados os três transcendentais: o belo ou a dimensão estética, o bom ou a dimensão dramática e o verdadeiro ou a dimensão lógica. A ternaridade resulta sobretudo da presença do amor divino, fundamento das duas verdades, o qual se constitui como a assimetria na simetria dos dois pólos, a permitir o jorro do novo e a evitar quer o risco do resvale para o absolutismo que o do decaimento no relativismo.

Como se pode já deduzir desta brevíssima apresentação, estamos em face de um discurso sobre a verdade que se reveste de uma grande subtilidade. Isso reflete-se no estilo do autor que, como confessa, «comme nous parlons de la vérité essentiellement mystère, notre style qui habite le mystère tente de dire ce dévoilement voilé» (p. 30). Daí que ora se apague ora entre no movimento vertiginoso que permite o surgimento da palavra do desvelamento, sendo em todo o caso um discurso ancorado na terra mas orientado para o céu.

JORGE COUTINHO

ORNELLAS, Pierre d', **Audace et Tradition. Vatican II : un acte prophétique**, Éditions Parole et Silence, Paris, 2013, 284 p., 210 x 140, ISBN 978-2-88918-110-0.

O concílio Vaticano II foi um ato profético porque, nele, a Igreja, posta à escuta dos problemas do mundo e da voz do Espírito, proclamou ao mundo uma palavra de luz e de esperança. É na suposição dessa escuta que nele podemos ver uma atitude de fundo simultaneamente de audácia e de tradição. Esta é a perspetiva fundamental a que obedece este conjunto de textos, escritos em circunstâncias diversas e agora